

DRAFT

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE LISBOA

Mandato 2013-2017

ATA NÚMERO DOZE

----- No dia onze de fevereiro de dois mil e catorze, pelas dezoito horas, reuniu em Sessão Extraordinária na sua Sede, sita no Fórum Lisboa, na Avenida de Roma, a Assembleia Municipal de Lisboa, para a realização da 4ª sessão do Debate Temático subordinado ao tema “**Colina de Santana (S. José, Miguel Bombarda, Capuchos, Desterro, Santa Marta e Santa Joana) - Impacto das propostas na memória e identidade histórica da Colina de Santana.**” -----

----- Assinaram a “Lista de Presenças”, os seguintes Deputados Municipais: -----

-----Ana Maria Gaspar Marques, Ana Maria Lopes Figueiredo Páscoa Baptista, Ana Sofia Soares Ribeiro de Oliveira Dias, André Moz Caldas, André Nunes de Almeida Couto, António Manuel de Freitas Arruda, António Modesto Fernandes Navarro, Augusto Miguel Gama Antunes Albuquerque, Belarmino Ferreira Fernandes da Silva, Carla Cristina Ferreira Madeira, Carlos José Pereira da Silva Santos, Cláudia Alexandra de Sousa e Catarino Madeira, Cristina Maria da Fonseca Santos Bacelar Bergonha, Diogo Feijó Leão Campos Rodrigues, Fernando José Silva e Nunes da Silva, Fernando Manuel Moreno D’Eça Braamcamp, Fernando Manuel Pacheco Ribeiro Rosa, Floresbela Mendes Pinto, Hugo Alberto Cordeiro Lobo, Hugo Filipe Xambre Bento Pereira, João Alexandre Henriques Robalo Pinheiro, João Luís Valente Pires, João Manuel Costa de Magalhães Pereira, Joaquim Maria Fernandes Marques, José Alberto Ferreira Franco, José António Nunes do Deserto Videira, José Luís Sobreda Antunes, José Manuel Marques Casimiro, José Manuel Rodrigues Moreno, José Maximiano de Albuquerque Almeida Leitão, José Roque Alexandre, Luís Pedro Alves Caetano Newton Parreira, Mafalda Ascensão Cambeta, Manuel Malheiro Portugal de Nascimento Lage, Margarida Carmen Nazaré Martins, Margarida Maria de Moura A. da Silva de Almeida Saavedra, Maria da Graça Resende Pinto Ferreira, Maria Elisa Madureira Carvalho, Maria Helena do Rego da Costa Salema Roseta, Maria Irene dos Santos Lopes, Maria Luísa de Aguiar Aldim, Maria Simoneta Bianchi Aires de Carvalho Luz Afonso, Maria Sofia Mourão de Carvalho Cordeiro, Mariana Rodrigues Mortágua, Miguel Farinha dos Santos da Silva Graça, Miguel Nuno Ferreira da Costa Santos, Miguel Tiago Crispim Rosado, Natalina Nunes Esteves Pires Tavares de Moura, Patrocínia Conceição Alves Rodrigues Vale César, Pedro Filipe Mota Delgado Simões Alves, Pedro Miguel de Sousa Barrocas Martinho Cegonho, Ricardo Amaral Robles, Ricardo Manuel Azevedo Saldanha, Rita Susana da Silva Guimarães Neves, Rosa Maria Carvalho da Silva, Rui Paulo da Silva Soeiro Figueiredo, Rute Sofia Florêncio Lima de Jesus, Sérgio Sousa Lopes Freire de Azevedo, Victor Manuel Dias Pereira Gonçalves, Maria Cândida Rio de Freitas Cavaleiro Madeira, Maria Margarida Matos Mota, Margarida de Morais Carla Rothes, Patrícia Caetano Barata, Paulo Manuel Bernardes Moreia, Nelson Pinto Antunes, Lúcia Alexandra Pereira de Sousa Gomes, Isabel Cristina Rua Pires, João Diogo Santos Moura e Paulo Manuel Valente da Silva.-----

----- Faltaram à reunião os seguintes Deputados Municipais:-----

DRAFT

----- Álvaro da Silva Amorim de Sousa Carneiro, Artur Miguel Claro da Fonseca Mora Coelho, Daniel da Conceição Gonçalves da Silva, Fábio Martins de Sousa e Tiago Miguel de Albuquerque Nunes Teixeira.-----

----- Foram justificadas as faltas e admitidas as substituições dos seguintes Deputados Municipais:-----

----- Miguel Teixeira (PS) tendo sido substituído pela Senhora Deputada Municipal Maria Cândida Cavaleiro Madeira;-----

----- Sandra da Graça Paulo (PS) tendo sido substituída pela Senhora Deputada Municipal Margarida Mota;-----

----- Deolinda Carvalho Machado (PCP), tendo sido substituída pela Senhora Deputada Municipal Lúcia Alexandra Pereira de Sousa Gomes;-----

----- João de Matos Bernardino (PCP), não tendo sido substituído;-----

----- Ana Carolina Ambrósio (PCP), não tendo sido substituída;-----

----- Romão Lavadinho (PCP), não tendo sido substituído;-----

----- Rosa Melo Félix (BE), não tendo sido substituída;-----

----- Miguel Reis (BE), não tendo sido substituída;-----

----- Telmo Correia (CDS/PP), tendo sido substituído pelo senhor Deputado Municipal João Diogo Santos Moura.-----

----- Foram justificadas as faltas e admitidas as substituições dos seguintes Deputados Municipais, Presidentes de Junta de Freguesia:-----

----- António Cardoso (PS), Presidente da Junta de Freguesia de São Domingos de Benfica, pelo Deputado Municipal Paulo Manuel Valente da Silva;-----

----- Inês Drummond (PS), Presidente da Junta de Freguesia de Benfica, pela Senhora Deputada Municipal Carla Rothes;-----

----- Davide Amado (PS), Presidente da Junta de Freguesia de Alcântara, pela Senhora Deputada Municipal Margarida de Moraes;-----

----- Vasco Morgado (PSD), Presidente da Junta de Freguesia de Santo António, pelo Senhor Deputado Municipal Paulo Manuel Bernardes Moreira.-----

----- Pediram suspensão do mandato, que foi apreciada e aceite pelo Plenário da Assembleia Municipal nos termos da Lei 169/99, de 18 de Setembro, com a redação dada pela Lei 5-A/2002, de 11 de Janeiro, os seguintes Deputados Municipais:-----

----- Ana Drago (BE), por sessenta dias, tendo sido substituída pela Deputada Municipal Isabel Cristina Rua Pires;-----

-----Justificaram a falta dada à reunião do dia quatro de fevereiro os seguintes deputados Municipais:-----

----- Joaquim Fernandes Marques (PSD), Fernando Manuel Moreno d'Eça Braamcamp (PSD), Deolinda Carvalho Machado (PCP) e Davide Amado (Presidente da Junta de Freguesia de Alcântara pelo PS).-----

----- Justificaram a falta dada à reunião do dia onze de fevereiro os seguintes deputados Municipais:-----

----- Daniel Silva (PSD), Presidente da Junta de Freguesia das Avenidas; Artur Miguel Coelho (PS), Presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior; Álvaro da Silva

DRAFT

Amorim de Sousa Carneiro (PSD); Tiago Albuquerque Teixeira (PSD) e Fábio Sousa (PCP), Presidente da Junta de Freguesia de Carnide.-----

----- Foram justificadas, e aceites pela mesa a título excecional, as faltas dadas pelo Senhor Deputado Municipal Vasco Morgado (PSD), Presidente da Junta de Freguesia de Santo António, às sessões realizadas nos dias dez e dezasseis de dezembro de dois mil e treze; -----

----- Foram justificadas, e aceites pela mesa a título excecional, as faltas dadas pelo Senhor Deputado Municipal Álvaro da Silva Amorim de Sousa Carneiro (PSD), às sessões realizadas nos dias dez e dezassete de dezembro de dois mil e treze; -----

----- Foram justificadas, e aceites pela mesa a título excecional, as faltas dadas pelo Senhor Deputado Municipal Carlos Barbosa (PSD), às sessões realizadas nos dias dez e dezasseis de dezembro de dois mil e treze e dezasseis de janeiro de dois mil e catorze; -----

----- Foi justificada, e aceite pela mesa a título excecional, a falta dada pelo Senhor Deputado Municipal Joaquim Maria Fernandes Marques à sessão realizada no dia dez de dezembro de dois mil e treze.-----

----- A Câmara esteve representada pelo Senhor Vereador Manuel Salgado. -----

----- Estiveram ainda presentes os Senhores Vereadores da oposição João Pedro Gonçalves Pereira, Carlos Artur Ferreira de Moura e João de Matos Bernardino.-----

ABERTURA DOS TRABALHOS

4ª SESSÃO

-----“**Impacto das propostas na memória e identidade histórica da Colina de Santana**” -----

----- O Painel foi moderado pela Senhora Presidente da Comissão Permanente de Cultura, Educação, Juventude e Desporto, **Simonetta Luz Afonso**; -----

----- Participou do debate, na qualidade de orador convidado, o **Senhor António Rendas**, Reitor da Universidade Nova de Lisboa e Presidente do Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas a **Senhora Raquel Henriques da Silva**, Historiadora e Professora associada da Universidade Nova de Lisboa; o **Senhor José Sarmiento de Matos**, Olisipógrafo e Mestre em História de Arte; o **Senhor José Aguiar**, Arquiteto, Professor associado da Faculdade de Arquitetura de Lisboa e membro da Comissão Nacional Portuguesa do ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios e o **Senhor Vítor Freire**, Historiador, Economista e Presidente da Associação Portuguesa de Arte Outsider. -----

-----Foram nomeados para relatores da quarta sessão a Senhora Deputada Municipal Cristina Maria Begonha do PS e a Senhora Deputada Municipal Lúcia Gomes do PCP.-----

----- A **Senhora Deputada Municipal Simonetta Luz Afonso** informou que aquela era a quarta sessão dedicada à Colina de Santana e que aquele debate temático iria incidir sobre o “Impacto das propostas na memória e identidade histórica da Colina de Santana”. Lembrou que aquela sessão tinha sido antecedida por outras três, subordinadas aos temas “O ponto em que nos encontramos”, “O impacto das

DRAFT

propostas no acesso da população aos cuidados de saúde” e, a terceira, “o impacto urbanístico, social e habitacional das propostas”. -----

----- Adiantou que se encontrava prevista uma quinta sessão que iria ser dedicada às conclusões e propostas a serem submetidas àquela Assembleia Municipal. -----

----- Transmitiu que as regras daquela sessão seriam iguais para todos e especificou que cada um dos intervenientes daquele painel iria dispor de dez minutos. Mencionou que iria ser muito rigorosa de forma a garantir tempo para o público e para uma segunda ronda. -----

----- Disse que iriam ter perto de vinte intervenientes do público, com três minutos cada, e que os oradores iriam dispor, no fim, de mais trinta minutos para responder às questões que viessem a ser suscitadas pelo público. -----

----- Introduziu que com a desativação, concluída ou em curso, decidida pelo Governo, dos Hospitais Miguel Bombarda, Capuchos, Desterro, Santa Marta e São José e com o esvaziamento da sua função última, tinham ficado reduzidos a um território de dezasseis hectares, entre a Avenida da Liberdade e a Almirante Reis, com amplas zonas verdes, que eram memórias das cercas dos antigos conventos; um conjunto de edifícios, especificando que alguns tinham sido construídos de raiz, entre os séculos dezanove e vinte, para hospitais ou serviços hospitalares e que outros tinham sido adaptados de antigos conventos, designadamente, o Hospital de São Lázaro, desde o século catorze; o Hospital de São José, que tinha substituído, em mil setecentos e cinquenta e nove, o Hospital de todos os Santos; Rilhafoles, Miguel Bombarda em mil oitocentos e quarenta e oito; Desterro, em mil oitocentos e cinquenta e sete; Estefânia, em mil oitocentos e setenta e sete; Santa Marta em mil novecentos e três e Capuchos em mil novecentos e vinte e oito. -----

----- Continuou, referindo ainda a existência de dois edifícios classificados, que tinham pertencido ao Miguel Bombarda, nomeadamente, o Panótico e os banhos e ainda um conjunto de instituições ligadas à investigação científica na área da saúde e ainda ativas, designadamente o Instituto de Medicina Legal, de mil oitocentos e setenta e nove; o Instituto Gama Pinto, de mil oitocentos e oitenta e nove; o Instituto Câmara Pestana, de mil oitocentos e noventa e dois; a Escola de Medicina do Campo Santana, de mil novecentos e onze, que era, naquela altura, Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa. -----

----- Referiu, também, as velhas zonas residenciais, nomeadamente, o Bairro de Santana, Tourel, Andaluz, São Bernardino, Santa Bárbara, Bemposta, São Lázaro que necessitavam, urgentemente, de intervenção social, patrimonial e cultural. -----

----- Salientou que aquele precioso território, situado no centro da Cidade, entre o Vale Verde e o Vale de Arroios tinha resistido à malha pombalina e ao traçado oitocentista de Ressano Garcia, quer devido às suas características topográficas quer devido à sua estrutura patrimonial e fundiária de antigos conventos, conferindo-lhe, aquele isolamento, um ambiente e uma vivência muito especiais cuja memória era preciso saber preservar. -----

----- Reparou que, se pensassem na primeira instituição do século catorze dedicada à saúde, o lazareto, tinham inscritos sete séculos de história da saúde da Cidade e do

DRAFT

País, com o seu património imaterial e material, nomeadamente os edifícios hospitalares e religiosos, o património azulejar, os arquivos, o mobiliário, os equipamentos médicos, os instrumentos cirúrgicos, os modelos com fins pedagógicos, e lembrou, naquele ponto, os moldes em cera dos efeitos exteriores das doenças venéreas e respetivo arquivo de doentes, a coleção de arte Outsider, composta pelos trabalhos dos doentes do Hospital Miguel Bombarda, o Arquivo Fotográfico dos doentes, salientando que, no seu conjunto, permitiam traçar a evolução da ciência médica e das tecnologias aplicadas, a evolução da saúde do cidadão, das epidemias, da proveniência dos doentes, da sua localização na Cidade, das mezinhas, dos medicamentos, da esperança de vida, dos usos e costumes, da evolução da família, da natalidade e mortalidade, dos cuidados assistenciais, dos rituais da vida e da morte, da religiosidade, enfim, de um sem número de memórias encerradas naquele território, memórias queurgia catalogar, identificar, estudar e divulgar. -----

----- Disse que naquele dia iriam dar o seu contributo para salvaguardar a memória daquele lugar. -----

----- Seguidamente deu a palavra ao Senhor Professor Doutor António Rendas. -----

----- **O Senhor Professor Doutor António Rendas** agradeceu o convite que lhe fora endereçado e disse que era um privilégio estar naquela sala junto de pessoas que admirava particularmente. -----

----- Introduziu que a sua intervenção iria ser orientada por algumas declarações de interesse especificando que tinha, em primeiro lugar, um interesse pessoal naquele processo. Disse que a primeira casa em que tinha vivido se situava na Rua Gomes Freire e que recebera, com poucos meses de idade, a vacina da BCG, nas antigas instalações do Instituto Câmara Pestana, um gesto que, naquela altura, em mil novecentos e quarenta e nove, fora considerado um ato heroico. -----

----- Contou que tinha frequentado, durante sete anos, o Liceu de Camões e que tinha morado sempre muito próximo. -----

----- Partilhou que entre sessenta e seis e setenta e dois, enquanto estudante de Medicina, tinha tido aulas de microbiologia no Instituto Câmara Pestana e no Instituto de Medicina Legal, tendo-se fixado, em mil novecentos e setenta e nove, na Faculdade de Ciências Médicas tendo sido, entre noventa e nove e dois mil e seis, Diretor da Faculdade. Frisou que, num contexto afetivo, a Colina de Santana era um pouco sua. --

----- Referiu que existia também uma declaração de interesse institucional e explicou que o projeto de ampliação da Faculdade de Ciências Médicas tinha sido responsabilidade sua. Disse que enquanto diretor da Faculdade e inserido num contrato de desenvolvimento, assinado pelo Governo da altura e pelas cinco Faculdades de Medicina, tinham conseguido ampliar as instituições todas e, deu como exemplo a construção do edifício de Medicina Molecular da Faculdade de Medicina de Lisboa. Enalteceu que aquele contrato de desenvolvimento tinha sido muito importante para o País e para a medicina. Especificou que a expansão da faculdade de Ciências Médicas tinha levado mais tempo, uma vez que havia sido realizada a partir de edifícios degradados e abandonados do Instituto Câmara Pestana, tendo terminado apenas em dois mil e treze. -----

DRAFT

----- Descreveu que sentira naquela altura, enquanto Diretor da Faculdade, o peso da memória e da identidade e partilhou que sempre acreditara que aquilo que contava eram as pessoas, independentemente do património, e que tinha tido sempre, daquelas pessoas, nomeadamente os alunos, os docentes e os investigadores, o maior sucesso e que tinha sido aquele o segredo do seu contributo. -----

----- Mencionou que o projeto tinha tido uma enorme vantagem, disse que não tinha custado um tostão à Câmara Municipal de Lisboa, sendo aquele o contributo da Universidade Nova de Lisboa para a Cidade.-----

----- Particularizou que enquanto Reitor tinha acompanhado o processo de execução de toda aquela iniciativa e que, num período de crise, com empresas de construção à beira da falência, tinha sido quase um milagre ter terminado a obra em dois mil e treze. -----

----- Salientou que o contributo da Faculdade não se tinha cingido apenas ao ponto de vista da ciência ou à construção do edifício e realçou dois aspetos pouco conhecidos. Contou que em mil novecentos e noventa e cinco a Faculdade organizara uma exposição subordinada ao tema “Campo Santana, uma das sete colinas de Lisboa” cujo livro, editado em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, deveria, pelo seu conteúdo, e na sua opinião, ser reeditado.-----

----- Partilhou que tinham organizado, com a colaboração do Museu do Chiado, em noventa e nove, com a Professora Raquel Silva e com a Dra. Simonetta Luz Afonso, uma exposição intitulada “Veloso Salgado”. -----

----- Revelou que se tinha, no momento em que analisara o documento estratégico de intervenção, sentido um pouco dececionado e explicou que apesar do esforço o plano estratégico não se encontrava mencionado. Apontou que apenas nas conclusões, e a propósito da análise SWAT, se mencionava a existência de atores da Cidade na área do conhecimento e da inovação.-----

----- Comunicou que pretendiam, a partir daquela data, partilhar, com todos, as aspirações das Faculdade e contribuir para que a “Colina de Santana” se transformasse na Colina do Conhecimento. -----

----- Declarou que a Universidade Nova de Lisboa assumia, através da sua pessoa, aquele compromisso. -----

-----Salientou que as pessoas deviam ser avaliadas, cada vez mais, por aquilo que faziam e não por aquilo que prometiam fazer e desejou que, aquele debate, independentemente da polémica gerada, não se transformasse numa questão de prós e contras. Garantiu que assim não era possível avaliar aquilo que as pessoas pretendiam, pois as pessoas passavam metade do tempo a apontar os prós e os contras. -----

----- Transmitiu que era preciso, em primeiro lugar, dar voz aos técnicos e à sociedade e que os técnicos, quer fossem do património quer fossem dos recursos humanos, deveriam apresentar soluções viáveis. -----

----- Enalteceu a importância daqueles projetos e disse que tinham um contributo muito importante, que eram centenas de estudantes, dezenas de investigadores e que se encontravam virados para aquilo que iria acontecer no futuro em relação ao espaço do Hospital de São José e aos hospitais circundantes, e que era importante que as

DRAFT

peças não falassem apenas daquilo que iriam fazer, mas que referissem, também, o valor.-----

----- Especificou que depois de se ouvirem os técnicos era necessário ouvir os responsáveis hospitalares, salientando que a Medicina praticada nos hospitais civis de Lisboa era uma medicina de enorme qualidade; salientando que era necessário perceber como é que iria decorrer aquela transição e responsabilizar o Governo. -----

----- Concluiu que os anos seguintes, à semelhança do que tinha acontecido no século dezanove e início do século vinte aquando a instalação dos hospitais naquela zona da Cidade, iriam ser excitantes para a Colina de Santana. Notou que a diferença era que não iriam transformar conventos em hospitais. -----

----- Terminou, dizendo que naquela tinham era de olhar para aquilo como se de um projeto em rede se tratasse, um projeto que envolvesse a saúde, a inovação e a cultura.

----- **A Senhora Professora Raquel Henriques da Silva** agradeceu o convite que lhe fora dirigido pela Senhora Arquitecta Helena Roseta e pela sua querida amiga Simonetta Luz Afonso.-----

----- Disse que lhe tinha sido pedido que tratasse, por motivos profissionais, da questão relacionada com os museus e que tinha atribuído àquela sua apresentação o título de “Museu da Saúde” e, como subtítulo, “as coleções e edifícios históricos na Colina de Santana; resgatar as coleções, salvaguardar e marcar os lugares”.-----

----- Introduziu que as histórias dos museus eram sempre muito complexas pois eram espaços onde se cruzavam diversas realidades. -----

----- Lembrou que os hospitais se encontravam instalados em antigos conventos. Disse, a título de exemplo, que são José se encontrava instalado num edifício classificado, uma peça fundamental da Arquitectura Maneirista Portuguesa. -----

----- Leu o que se encontrava inscrito na placa colocada na porta de entrada da biblioteca do Hospital “*A escola régia de cirurgia deste hospital, fundada por alvará de vinte e cinco de junho de mil oitocentos e vinte e cinco, sendo enfermeiro-mor Luís de Vasconcelos e Sousa, e a memória gloriosa do ensino da cirurgia do Hospital de Todos os Santos, cujas tradições herdou, se dedica e se consagra esta lápide de vinte e cinco de outubro de mil novecentos e vinte e cinco*”. Referiu que aquela placa, encostada a um magnífico painel de azulejos, celebrava mil oitocentos e vinte e cinco e a criação da escola régia de cirurgia e a remetia para o Hospital de Todos os Santos. -

----- Mencionou que o espólio e as riquezas dos hospitais civis de Lisboa, instalados naquela Colina desde meados do século dezoito, tinham uma qualidade muito significativa, desejos e concretizações daqueles desejos através da figura de museu.----

----- Partilhou que aquela placa, que ainda se encontrava no Hospital de Santa Marta, marcava a entrada e a concretização de um projeto acarinhado por muitos, que era o Museu dos Hospitais Civis de Lisboa. Recordou que o Museu havia funcionado em Santa Marta entre cinquenta e sete e setenta e quatro.-----

----- Exibiu duas fotos de época, o espaço da igreja com uma coleção fantástica de azulejos, e explicou que tinham sido instaladas naquele sítio as coleções, uma museografia “pouco evoluída” que correspondia ao acarinhamento daquelas coleções.-

DRAFT

-----Referiu um outro núcleo museológico, criado mais tarde, denominado Núcleo Museológico do Hospital Santo António dos Capuchos, inaugurado em setenta e sete pelo então presidente do Conselho de Administração, Dr. Armando Catarino. Sublinhou que era um museu modesto, do ponto de vista da museografia, mas não do ponto de vista da relevância das coleções e dos objetos que as concretizavam. -----

----- Falou do Museu de Dermatologia Portuguesa do Hospital do Desterro, que tinha funcionado entre cinquenta e cinco e dois mil e sete, cuja parte mais importante, o conjunto de figuras de cera destinadas ao estudo de doenças venéreas, se encontrava instalada, desde dois mil e sete, no Hospital dos Capuchos. -----

----- Referiu o pavilhão de segurança, enfermaria e Museu do Miguel Bombarda, o Panóptico e a coleção de arte Outsider. -----

-----Revelou que pretendia transmitir a preocupação, gosto e a concretização de zonas fundamentais daquelas coleções.-----

----- Regressou à biblioteca do Hospital de São José. Mencionou a existência de um núcleo notável da coleção Costa Sacadura e salientou que todos os hospitais possuíam fundos arquivísticos de enorme relevância. -----

----- Falou do Museu “McBride”, no Hospital de Santa Marta. Mostrou uma fotografia do Museu quando ainda estava a funcionar e uma outra tirada após o seu encerramento, revelando o estado de abandono em que aquele espaço, com o seu painel de azulejos, se encontrava. -----

----- Considerou, no entanto, que o caso do Núcleo Museológico do Hospital dos Capuchos era bem mais dramático. Apresentou também uma foto do antes e do depois, revelando, a primeira, um espaço limpo e organizado e, a segunda revelava o estado, de arrecadação mal cuidada, em que aquele espaço se encontrava. -----

----- Evocou a existência, na dependência orgânica do Instituto Ricardo Jorge, de um Museu da Saúde, especificando que se tratava de um espaço que ainda estava a reunir coleções.-----

----- Declarou que, tal como o Senhor Reitor da Universidade Nova, gostava de coisas concretas e expôs que as suas propostas eram muito claras. Asseverou que era impensável que, na Colina de Santana, a memória daqueles hospitais não fosse perpetuada e que aquelas coleções não fossem resgatadas, estudadas e integradas. Lamentou que o Museu da Saúde vivesse com um projeto à parte e partilhou que, na sua opinião, aquela era a vocação principal do Hospital de São José, independentemente de ficar com valências hospitalares ou não. Afirmou que era naquele espaço que o núcleo museológico deveria de ser instalado, resgatando aquelas coleções e defendeu, no caso do Hospital do Miguel Bombarda, que aquele espaço se mantivesse como núcleo íntegro, considerando a sua importância, assegurando que não eram museus a mais. -----

----- Recordou que a saúde e a medicina, em Portugal, tinham uma história bastante prestigiada e que tinham na Colina de Santana um polo fundamental de identificação. -

----- Frisou que as pessoas e o património viveriam melhor se vivessem juntos e com objetivos comuns e, sustentou que o projeto daquele hospital, integrado no Museu da Saúde, era um projeto aliciante sobre o qual se deveria trabalhar. -----

DRAFT

----- **O Senhor Mestre José Sarmento de Matos** disse que era uma prazer, enquanto Olisipógrafo, estar naquela casa de Lisboa.-----

----- Partilhou que iria falar do trabalho que se encontrava a ser desenvolvido dentro do grupo de trabalho coordenado pela Senhora Arquiteta Inês Lobo, relacionado com o levantamento do património imóvel da Colina de Santana. -----

----- Salientou que a Colina de Santana era uma das zonas mais ricas, do ponto de vista patrimonial da cidade de Lisboa e expôs que se encontrava, em conjunto com o Dr. Jorge Ferreira Paulo, a fazer um levantamento daquele património. Adiantou que já tinham feito o levantamento de alguns edifícios e apresentado um trabalho, com cerca de cem páginas, sobre quinze daqueles edifícios.-----

----- Disse que iria centrar a sua intervenção apenas em dois ou três daqueles edifícios. Começou por focar um edifício na Calçada de Santana, uma casa nobre, apalaçada, datada de mil setecentos e sessenta e quatro, construída por um senhor denominado Tomé de Sequeira. Disse que se tratava, do ponto de vista arquitetónico, de um edificio extremamente importante. -----

----- Descreveu que um dos aspetos mais interessantes da Colina de Santana era o aparecimento, no pós-terramoto, de modelos alternativos em relação à construção oficial da Baixa Pombalina. -----

----- Apresentou alguns dispositivos, um com o Palácio Freire de Andrade, um Palácio do início do século dezoito, um edifício de grande interesse que havia sofrido, no pós-terramoto, obras profundas; outro com um prédio da Calçada de Santana, datado entre mil setecentos e cinquenta e nove e mil setecentos e sessenta e dois, um prédio que apresentava características muito diferentes das oficiais, muito diferentes daquelas que estavam, na altura, a ser definidas pelos Arquitetos da Baixa, da Casa da Sala do Rio. -

----- Mostrou um dos mais importantes edifícios do Campo de Santana, o Palácio Miranda Henriques, revelando que também fora de Visconde Valmor, um edifício com duas partes autónomas. Disse que a fundação do Morgadio daquele edifício datava do início do século dezassete e que, em mil setecentos e quarenta e oito, um dos membros da família Miranda Henriques mandara construir uma outra parte, tendo-se mantido fiel ao desenho anterior. Historiou que o edifício tinha sido adquirido por Visconde Valmor no século dezanove. -----

----- Mencionou que ao lado existia outro Palácio, de imenso interesse, que havia sido construído, em mil setecentos e quarenta e oito, pela família Sanches de Brito. Revelou-se certo de que aquele Palácio tinha estado sobre a influência do Arquiteto Mateus Vicente de Oliveira. -----

----- Referiu a existência, no interior do Palácio, de uma placa que falava de Ludovice e da década de mil setecentos e trinta e mencionou que o livro de Cordiamentos da Câmara Municipal de Lisboa tinha o documento referente à vistoria municipal de autorização de construção daquela fachada datado de mil setecentos e quarenta e oito. -

----- Referenciou dois prédios/ palácios situados na Rua de Santo António dos Capuchos, nas traseiras do Palácio Miranda Henriques, construídos a partir de mil setecentos e cinquenta e seis, salientado que aquele que fora restaurado apresentava um modelo predial radicalmente diferente daquele que era utilizado em outras zonas

DRAFT

da cidade de Lisboa. Frisou que os desenhos da fachada nada tinham a ver com o designado prédio pombalino e salientou que aquele prédio era anterior à definição do modelo do prédio pombalino que era de cinquenta e nove/ sessenta. -----

----- Sublinhou que aqueles dois prédios, geminados, eram peças de relevante importância para a compreensão da arquitetura daquele período. -----

----- Chamou a atenção para o bairro delimitava o núcleo do Hospital dos Capuchos, o Bairro do Andaluz, um bairro retilíneo, datado do século dezasseis, contemporâneo do Bairro Alto, um bairro que, prosseguiu, obedecia aos mesmos padrões e que tinha, no seu início, a Ermida e São José dos Carpinteiros. -----

----- Lembrou que se tinha levantado, numa outra sessão, o problema da ligação da Muralha a São José e garantiu que a Muralha se encontrava muito longe do Hospital de São José. Mostrou que a cerca Fernandina se encontrava perto da Ermida. -----

----- Revelou que naquele momento se encontrava a trabalhar na intervenção que fora feita no Hospital do Desterro, juntamente com o Dr. Ricardo Lucas Branco, que estava a fazer uma tese de doutoramento sobre o Baltazar Álvares, o autor daquela notável intervenção. Apresentou vários dispositivos que mostravam, através de plantas, o estado em que o edifício se encontrava no momento em que fora desativado e um último que mostrava como é que o edifício iria ficar depois de limpo. -----

----- Salientou que era uma estrutura, intacta, de três pisos, iguais e sobrepostos, todos em *open space* e que tinham um elemento estrutural raríssimo, uma dupla mísula, que era, especificou, um pormenor extremamente erudito. -----

----- Focou também o claustro grande, dizendo que, contrariamente ao claustro pequeno, iria ser todo aberto. -----

----- Resumiu que eram obras que tinha acompanhado e que tinha sentido imenso prazer em ter partilhado o seu trabalho com aquela assistência.. -----

----- **O Senhor Doutor Vitor Freire** agradeceu o convite que lhe tinha sido dirigido pela Assembleia Municipal de Lisboa. Acrescentou que era, profissionalmente, Administrador Hospitalar, e que os seus trinta e poucos anos de carreira tinham sido desenvolvidos naqueles quatro hospitais em discussão. Sublinhou que aquele assunto era, do ponto de vista pessoal, muito caro. -----

----- Contou que todos aqueles projetos previam a demolição da quase totalidade dos edifícios não classificados sem que se tivessem efetuado estudos a qualquer um deles, nomeadamente, datação, finalidade, autor, valor arquitetónico e histórico. -----

----- Expôs que, contrariamente àquilo que muitos afirmavam, cerca de metade das construções dos Hospitais da Colina de Santana, não era conventual, e explicou que tinham sido erguidos, de raiz, com finalidade hospitalar e assistencial. -----

----- Desenvolveu que a maioria daqueles novos edifícios hospitalares, em especial os Capuchos e Santa Marta, do final do século dezanove e princípio do século vinte haviam seguido uma feição neoclássica, integrada sabiamente na envolvente conventual e na paisagem urbana. -----

----- Destacou que nenhuma Zona Especial de Proteção dos edifícios classificados, geralmente cinquenta metros, do Hospital Miguel Bombarda era respeitada, nem

DRAFT

sequer referida ou indicada nos projetos e nas plantas, uma omissão que considerou grave. -----

----- Apontou, relativamente à reutilização de edifícios classificados, que ou nada era previsto ou então que se previa a instalação de hotéis, como era o de Santa Marta e do Miguel Bombarda, uma finalidade que considerou indigna e que impediria a fruição e visita contextualizada, livre de impedimentos e valores, de espaços de forte atracção turística/cultural. -----

----- Em conclusão daquele ponto e do tema base daquele debate, tinha a dizer que devido ao elevado índice de construção nova e em altura e às reutilizações previstas ou não, o impacto das propostas sobre a memória e identidade histórica da Colina de Santana seria desastroso, constituindo mesmo um atentado à cultura portuguesa e europeia, pela importância do local e do excepcional valor do património ali conservado. -----

----- Por tudo aquilo deviam ser reprovados aqueles projetos de loteamento e não somente suspensos, e só após a inauguração do hospital oriental deviam ser vendidos, se um estudo integrado o indicasse. O recente documento estratégico já recuava um pouco e já falava em turismo cultural. A Colina tinha de ser repovoada e revitalizada e aqueles objetivos só se alcançariam se o seu excepcional património e atividades de turismo cultural fossem acrescentadas à oferta turística da Cidade. -----

----- Com o eventual encerramento dos hospitais, a oportunidade não era para mais betão, a oportunidade era para a cultura e arte naqueles espaços e para os moradores, revitalizando a zona. -----

----- Recentemente haviam proposto à Câmara a criação, a curto prazo, da alternativa ideal para a reutilização dos extraordinários espaços do Hospital Miguel Bombarda, a criação de um pólo cultural constituído por um museu de sítio, de arte de doentes e outsider, psiquiatria e neurociências, com centro de investigação, segundo a tendência internacional em parceria Câmara e Ministério da Saúde, a partir do alargamento do museu existente, criado em dois mil e quatro, pouco divulgado mas visitado por cerca de vinte e cinco mil pessoas, a maioria estrangeiros. -----

----- As suas principais componentes, que atingiam públicos diferentes, seriam alguns surpreendentes edifícios, só por si motivo de atracção, como o pavilhão de segurança ou o balneário, exposições permanentes e temporárias da surpreendente arte outsider, da coleção existente e dos mais de sessenta ateliers existentes no país, e com intercâmbio internacional, por exemplo, como o Museu *Art de Route* de *Lausanne*, exposições de temática histórica/científica relativos à psiquiatria e neurologia, galeria permanente para venda de obras, etc. -----

----- Um ou mais dos edifícios seriam ocupados pela Câmara Municipal de Lisboa para exposições de artes plásticas, que o setor de galerias da Câmara tanto carecia. Um pólo cultural dinâmico financeiramente auto-sustentável, criado a curto prazo, mantendo a identidade dos espaços interiores, de turismo cultural e revitalizador da zona, com acesso por eléctrico a repor desde o Martim Moniz. -----

----- Passavam a ver algumas imagens e continuou a descrever a imagem. Tinham ali a imagem do Hospital Real de Todos os Santos, fundado em mil quatrocentos e

DRAFT

noventa e dois, um dos primeiros hospitais renascentistas fora da Itália, do qual o Hospital Real de São José e os seus anexos foram e eram os continuadores. A imagem não estava a passar segundo a ordem devida.-----

----- Continuou, dizendo que a imagem era da magnífica Sacristia de São José. Podiam ver ali a vista atual a partir do Miradouro da Graça, tirada num sábado e com dezenas de turistas. O índice de construção previsto para o Hospital de São José era realmente enorme, onde estava a passar o rato, seria uma zona de novos edifícios com cerca de cinco andares, e que estabeleceriam uma divisão na própria Colina de construção moderna, ultrapassando até em horizontalidade toda a largura daquela fotografia. -----

----- Acrescentava-se ali um torreão da muralha fernandina, um dos maiores torreões, o Torreão de Santana, que ficaria com cerca de cinco andares de altura e que seria ocultado por aquela construção. Aquele torreão ficava junto ao Hospital de São José. A fotografia mostrava o dito torreão visto de dentro do Hospital de São José.-----

----- A fotografia seguinte mostrava o átrio de entrada do Hospital de Santa Marta, com notável azulejaria barroca, o magnífico claustro de Santa Marta, talvez o segundo mais belo de Lisboa, a seguir aos Jerónimos, para hotel. -----

----- Passava à frente para expor alguma coisa sobre o Hospital Miguel Bombarda. ---- . ----- Naquela fotografia data do seu assassinato aquando da revolução republicana, a sua interação com os arquitetos fora excelente e, por aquele motivo viam naquela fotografia aérea aquele geometrismo absolutamente singular, existente na paisagem aérea de Lisboa e nas vistas aéreas de Lisboa. -----

----- No primeiro plano, o Convento da Congregação da Missão, erigido a partir de mil setecentos e vinte, na Quinta de Rigafoles. A memória ali começava na Quinta, memória de Quinta/Convento/Hospital, e depois tinham já a partir da fundação do hospital outros edifícios, nomeadamente o balneário e outros edifícios bem conhecidos, como o pavilhão de segurança, circular, outros recentemente descobertos, como aquele edifício em forma de poste telefónico, com três enfermarias paralelas, atravessada por um corpo de circulações para pessoas e materiais, altamente racionalista, mas que conjugara também com o modelo do hospital psiquiátrico ideal de Esquíro. -----

----- Só queria dar um breve nota sobre o museu do Hospital Miguel Bombarda, que não podia apresentar ali imagens, que estava aberto todos os sábados à tarde e quartas feiras de manhã. Aquele museu incluía arte de doentes e arte de outsider e algumas daquelas imagens poderiam ser vistas no site da sua Associação que era aparteoutsider.org, ou marcando no Google “Arte Outsider”. -----

----- **O Senhor Professor Arquiteto José Aguiar**, no uso da palavra, começou por referir que só tinha setenta slides para mostrar, portanto seria rápido. Tinham medo de perder a memória e medo de perder o futuro e o centro dos nossos problemas parecia uma amplitude excessiva na mudança, e o medo nascera no séc. XX. Aquilo era um desenho de Le Corbusier (todos os dias rezavam a Le Corbusier na sua escola), que dizia como lidar com os centros históricos, podiam fazer muitas coisas mas o melhor era deitá-los abaixo e fazer torres, e os bombardeiros da segunda guerra mundial

DRAFT

haviam-no feito, mas Lisboa sobrevivera às torres que tinham feito depois dos bombardeiros, e o património tornara-se um problema em vez de uma oportunidade. -

----- Na segunda metade do Séc. XX haviam começado a descobri-lo e haviam começado a descobrir a injustiça; getrificação, segregação dos mais pobres daqueles sítios tão ricos. Mas os problemas eram maiores ainda; havia fachadismo, fetichização do património, explosão de parques temáticos, o centro histórico em vez de ser vivido passava a ser zoológico, - o histérico; que se fizesse património atual, os super monumentos hiper icónicos, o fachadismo na ordem, oportunista, que muito político descobrira então, só se falava em reabilitação (apetecia-lhe pegar no revólver), os centros históricos que eram esvaziados dos seus moradores para serem entregues aos turistas, “*tourist go* para a Disneylândia”, que era o que deviam fazer, e a perda desta autenticidade condizia a que quem vinha para cá já construía centros históricos na origem, ou seja, a China estava a fazer Monsaraz e Bairros Altos na China. Aquilo era uma vila, enfim, georgiana, provavelmente, a célebre China-Xangai city. -----

----- Portanto, os problemas de reabilitação urbana atualmente tinham muito a ver com o impacto do confronto de projetos autónomos e altamente icónicos, que esqueciam algo fundamental actualmente, que era a questão da paisagem urbana histórica. Pedira aos seus alunos que lhe mostrassem bons exemplos de reabilitação e tinham-lhe mostrado aquilo, ou por exemplo uma torre de duzentos metros, muito mais alta que a Giralda em Sevilha, ou os gringos que lhes entravam pelos terraços também em Sevilha, e ali é que a porca torcia o rabo, propor para o Bombarda morfologias de blocos e torres, estilo San Gemiano, enfim, era bastante irónico, mas em San Gemiano os vizinhos construíam alto para demonstrar que eram mais ricos e muito mais poderosos que os outros, assim já não era tão bonito, ou para São José lá nas bandas contínuas afetavam a fundamental perceção de toda a Cidade, ao perder-se a unicidade da leitura do próprio convento mostrava que a comparação com cidades do Brasil, que os portugueses tanto haviam influenciado, onde aquela cidade das colinas, marcada pelo convento, era estrutural para perceber a ordem simbólica do urbanismo português. -----

----- Depois, os urbanistas, que tinham feito uma carta onde diziam “deita tudo abaixo e faz torres” tinham-se voltado a reunir e haviam dito “não, agora vamos salvar tudo” e a Cidade amanhã já existia então, a requalificação seria a cidade do futuro e, portanto, tinham-lhes proposto habitar, recriar-se e trabalhar numa mesma cidade porque ia faltar o petróleo. -----

----- Ora bem, surgira dali algo que era extremamente importante, que era um princípio fundamental, que era o princípio da intervenção mínima, em vez da intervenção máxima. “Se puderes fazer menos não faças mais”, e estava-se constantemente a fazer mais em vez de se fazer menos. E quando olhavam os melhores exemplos portugueses ou da Península Ibérica, por exemplo, Guimarães ou por exemplo Santiago de Compostela, viam que aquela rede de espaços públicos, de casa, é o que se reabilitava. Não havia ali vazios, não havia ali buracos. -----

----- A colina que estavam a discutir era estrutural no centro de Lisboa e ele não gostava nada de ver aqueles buracos na estrutura morfológica da Colina. O estudo

DRAFT

posterior que aparecera parecia-lhe muito interessante, em linhas muito acertadas, mas tinha algumas dúvidas sobre o reforço de acompanhamento residencial proposto num bairro cheio de habitações, com muita habitação a precisar ser reabilitada. -----

----- Era como se houvesse uma dupla moralidade. Obrigava-se a reabilitar as mais pobres e as edificações correntes, mas que andavam ao bife, do lombo, das cercas dos conventos/hospitais, permitia-se alterabilidade que, quanto muito eram densificação, portanto, renovação – que chamassem os bois pelos nomes, na sua terra se não os chamassem pelos nomes eles não vinham - que seriam absolutamente inadmissíveis para o contínuo urbano. -----

----- Perguntava se não deveriam considerar alternativas. Bem, tinham posto o Prof. Pedro Pacheco e a Escola de Arquitetura de Lisboa, durante quatro anos, e os seus alunos a tentar encontrar alternativas, nem que fosse para fazer outro tipo de abordagens., nomeadamente, discutir se as cercas deviam ser tão abertas assim e se os conventos/hospitais não teriam outras possibilidades. -----

----- Tinham feito um livro digital, tinham todo o prazer em oferecer à Assembleia Municipal ou a quem o quisesse ler, tinham feito uma exposição, inaugurada *in cito*, no próprio hospital, com doentes e enfermeiros, que tinham sido muito bem recebidos. Não havia coisa mais cruel do que um professor não poder mostrar os trabalhos dos alunos, mas, muito rapidamente, eles ficariam, para seu consolo na NET, e dizia que fora extremamente estimulante pensar de forma alternativa. -----

----- Em vez de ficar nas cercas, tentar perceber se os jardins do paraíso, os hortos conclusos, aquele outro tempo e outro espaço das cercas, não poderiam permitir um outro tipo de apropriações, e os seus alunos tinham começado a estudar como e com que dispositivos se poderia requalificar e reutilizar grande parte deste edificado, mesmo aquele que não era super património, e propor soluções para reutilizações. O Muro como Intervalo Habitado” da Ana Bruto da Costa, “O Ensino na Cerca”, está tão presente na colina que valia a pena considerá-lo, do Guilherme, “No sentido dum lugar” da Joana Oliveira, “O Museu da Saúde” que já aqui fora falado e também podia ser reinstalado aqui, “O Edifício Cidade” e “Projectar um Jardim no Convento de Santa Marta”, “Habitar o Muro ou o Muro como território intermédio”. -----

----- Perguntava se seria possível habitar, trabalhar e recriar-se naquele mesmo território, naqueles mesmos bairros, naqueles mesmos hospitais? A resposta era sim. -

----- Haviam pegado no exemplo do Arq. Lima e haviam pedido aos seus alunos se conseguiriam fazer uma alternativa em que se salvasse os edifícios todos, com o mesmo número de metros quadrados e com competitividades que fossem muito interessantes para a economia, e eles disseram que sim, conseguiam. E conseguia-se praticamente a mesma edificabilidade proposta, mantendo grande parte dos edifícios existentes. -----

----- O Miguel Bombarda, enfim, podiam falar de todos porque haviam feito projetos para todos, mas era um caso absolutamente excecional de arquitetura. Aqueles eram os casos qualificados mas aquele era o que não estava qualificado, por exemplo, aquele edifício, o poste telefónico, era absolutamente brilhante, era uma peça extraordinária da medicina, tinha detalhes arquitetónicos absolutamente incríveis e

DRAFT

podia ser adaptado para uma série de outras utilizações, como os seus alunos ali mostravam. -----

----- Habitar e trabalhar no mesmo edifício, reconverter alguns daqueles edifícios para hostels, fazer museus que eram habitados. Museu lá em baixo e habitações em cima, porque não? Era preciso pensar diferente. Ir aos banhos, num SPA no Bombarda, porque não? E até a cozinha, tão industrial, podia ser reconvertida num belíssimo restaurante, com soluções reversíveis. -----

----- Para não ficarem com ruínas, importava também prever, desde logo, usos para os espaços desativados. E então alguns alunos, destacara-se sobretudo a Diana Cubali, estudando o Mapa Avero em Madrid, haviam provado que os espaços desativados do Bombarda e de muitos hospitais deviam ser imediatamente apropriados, já naquele momento, pela Cidade, com imensas possibilidades e com enorme interesse urbano. -

----- E o eco bairro histórico também lhe parecia uma excelente ideia, lembraria no entanto ali, o trabalho que Santiago de Compostela fizera num programa internacional, financiado pela Comunidade Europeia, o Energy and Efficiency for European Historic District, onde se conseguira provar que salvando grande parte dos edifícios históricos, se conseguiam melhorias de rendimento energético e assegurar os objetivos de uma nova ecologia, sem partir tudo. -----

----- Ali gostava de lembrar que, em Santiago de Compostela, que era um dos melhores exemplos da Europa, já se falava pouco em reabilitação e falava-se cada vez mais em manutenção, e os serviços municipais de Santiago de Compostela mostrava-lhes como ali os serviços de manutenção dos pavimentos era um terror vê-las. -----

----- Para concluir, a Colina estrutural para a salvaguarda do património urbano e paisagem urbana histórica de Lisboa, sobretudo, se quisessem ser ambiciosos e candidatar o centro histórico de Lisboa a uma inscrição nessa categoria da nova lista de património mundial da UNESCO. Lisboa devia ter essa ambição.

----- Se para a crise ecológica que se vivia era um desastre continuar num urbanismo moderno feito segregação funcional, habitar ali, trabalhar acolá, era igualmente preocupante propor uma colina com o novo mono-funcionalismo residencial. -----

----- A medicina, a sua economia e o seu conhecimento não eram um problema, eram uma enorme oportunidade. Os antigos conventos/hospitais tinham uma incrível capacidade de resiliência, uma enorme capacidade de adaptação a novos usos. As cercas não eram um problema, mas eram uma enorme oportunidade urbana, ofereciam acesso a outro tempo e outro espaço na acalmia do frenético urbano, enriquecendo o sistema de espaços públicos. Mais do que habitações para ricos, existiam funções produtivas compatíveis com as pré-existências arquitetónicas, que podiam oferecer alternativas económicas interessantes. -----

----- Já tinham provado que era possível conseguir os mesmos níveis de edificação, reutilizando más arquiteturas pré-existent, mas não para ficar com ruínas nas mãos, importava, portanto, propor desde logo usos para os espaços desativados. Era fulcral em património conhecer o estudo da arte, definir objetivos e estratégias, procurando objetivos que não destruíssem, e só depois promover a participação para depois

DRAFT

projetar, e não como se fizera, primeiro projetar e depois produzir um estudo estratégico que muitas vezes dizia coisas que os projetos não cumpriam. -----

----- Tinham algumas dúvidas sobre a legalidade urbanística de algumas opções, mas havia ali especialistas, como o Fernando Gonçalo, o João e tantos outros, que poderiam falar melhor que ele próprio. -----

----- Para concluir, os antigos conventos/hospitais haviam sido e eram espaços de alegria e esperança em profundo sofrimento e desespero. Os estranhos que não sabiam poderiam torná-los um espaço do edonismo livre sem consequências, mas o povo de Portugal, que também sofrera ali, e o de Lisboa, não esquecia. Os investidores *goldavam* a mão e não queriam saber daquilo, mas a memória das cidades era longa e até podiam surgir buracos financeiros por causa daquilo. -----

----- O que ia suceder naquela colina era decisivo para o futuro do património urbano de Lisboa e, atraso seu, continuavam a discutir ali demolições e o renovar em património urbano, quando em outros países já quase não se falava em reabilitação, havia muito concluída, mas sim em manutenção. A sua colega do Leq, quando era lá investigador, e quando, desesperado, não sabia muito bem o que era reabilitar, dizia-lhe “reabilitar é fácil, reabilitar é restituir a Cidade à estima pública”. -----

----- **O Sr. Dr. Luís Raposo**, Presidente do ICOM, Conselho Internacional dos Museus, Secção Portuguesa, no uso da palavra, disse que queria começar por felicitar a organização daquele debate e dizer que a Comissão Nacional Portuguesa do Conselho Internacional dos Museus vinha a acompanhar aquela problemática da Colina de Santana desde janeiro de dois mil e onze, quando haviam tomado uma primeira iniciativa que fora a de subscrever e carregar para pedido de audiência um apelo, dirigido por um conjunto de cidadãos, entre os quais eles próprios, para continuar o desenvolvimentos do Museu da Pintura do Doentes e das Neurociências no Hospital Miguel Bombarda. -----

----- Depois, e na mesma altura, haviam tomado a sua primeira posição pública sobre a matéria, de forma mais englobante, num comunicado que haviam chamado “Preservação e Valorização do Património da Saúde na Colina de Santana em Lisboa”, nas mesmas datas, portanto, em início de janeiro de dois mil e onze, haviam pedido audiências sucessivamente ao Sr. Vereador e Vice-presidente da CML, Arqtº Manuel Salgado, que lhas concedera, em um de março de dois mil e onze, à Ministra da Saúde, que nunca chegara a conceder, e que aparentemente, segundo os haviam informado, por não ter recebido as informações dos serviços técnicos que a habilitassem a recebe-los, e ainda, aos próprios administradores das diferentes unidades hospitalares da zona. -----

----- Desde aí para cá, a direção do ICOM-Portugal tinha participado em sucessivos debates e intervenções públicas, artigos de imprensa, etc., e tinham acabado por participar, já mais recentemente, particularmente em dois momentos que lhe importaria salientar: Em primeiro lugar, a tomada de posição conjunta que tinham feito, em julho do ano anterior, com a comissão do ICOMOS, que também estava ali representada, sobre aquela matéria, juntando o seu domínio específico que era o das coleções móveis, com o do património arquitetónico e arqueológico. -----

DRAFT

----- Depois, a intervenção que também tinham tido no debate, promovido ainda antes das últimas eleições, ma Ordem dos Arquitectos, em que haviam reclamado como muitos outros intervenientes a existência de um estudo estratégico que finalmente acabara por ser apresentado, como sabiam, muito recentemente, e que lhess parecia conter importantes desenvolvimentos, e saudavam por aquilo o estudo estratégico que fora apresentado, lamentavam apenas que o tivesse sido quase que no fim, ou numa fase muito avançada do processo. -----

----- Em resumo, naquele momento, entendiam que as suas tomadas de posição, no fundo, resumiam-se àquele tipo de considerandos: A Colina de Santana constituia um dos principais núcleos patrimoniais da cidade de Lisboa, porventura de raízes mais antigas que o morro do Castelo, e tendo em conta tudo o que estava em causa, as suas propostas dos últimos anos, que continuavam a ser atuais, era a da continuação do inventário sistemático das coleções, em primeiro lugar, que ainda não estava concluído, e haviam sido, aliás, iniciados mais por iniciativa dos próprios do que por orientações, como deveria ser, em termos de planeamento estratégico, que estava em vista fazer, o aprofundamento do plano estratégico, como já dissera, e criação de unidades museológicas onde - não pretendiam de modo nenhum que a Colina de Santana fosse uma espécie de museu, achavam que o que se fizesse nela devia ser feito em primeiro lugar para os moradores da zona, para proporcionar, aprofundar e potenciar a qualidade de vida, não só dos moradores, como depois pelo património que estava em causa, pelo todo nacional e até em alguns aspetos, internacional. -----

----- Mas consideravam que sim, que havia um lugar, e havia mesmo a necessidade de considerar desde logo em São José, no antigo Colégio de Santo Antão novo, um núcleo museológico central que se podia designar como Museu de Saúde, que já existia criado na lei como fora dito pela Prof^a Raquel da Silva, um museu que devia ser um museu concebido no sentido polinucleado, no plano nacional, com núcleos espalhados por todo o país e também na própria colina, aquilo sem obstar a que na própria colina, para além de núcleos do Museu de Saúde que devia ter a retaguarda de conservação e restauro, de arquivo, etc., devia haver outros museus como o Museu de Arte Brut ou Arte Outsider, onde quer que o espírito do lugar o justificasse e portanto essas unidades museológicas deviam continuar a existir. -----

----- **O Sr. Dr. Luís Damas Mora**, no uso da palavra, começou por dizer que fora cirurgião durante quarenta e dois anos, preocupado com a saúde e o bem estar dos doentes e decisão comum, Comissão do Património Cultural do Centro Hospitalar de Lisboa Central, preocupado com o património cultural da Colina de Santana. -----

----- Os problemas que tinham andado a discutir .naquela Assembleia Municipal tinham quanto a si quatro vertentes: A Tecnico-sanitária, a Humanitária, a Imobiliária e suas consequências no Património Cultural, e a Cultural, e a Cultural, propriamente dita. -----

----- Sobre as duas primeiras falava como cidadão comum e como médico, e quanto às duas últimas, como porta voz da comissão do património cultural. -----

DRAFT

----- Em termos de física a solução teria que ser resultante daquelas forças, muitas vezes divergentes. Havia que jogar com aqueles quatro pólos e estabelecer as fronteiras que a cada uma delas pertenciam e os espaços que lhes eram comuns. -----

----- Mas isso tinha que ser feito com inteligência e sensibilidade, inteligência para permitir os lucros que o seu autor financeiro esperava obter, que se presumiam legítimos, e para que a essência dos ventos nelhorasse, e sensibilidade para respeitar o passado e não ofender o futuro. -----

----- Desde o princípio que se percebera que se estava perante um confronto entre o ter e o ser, a civilização e a cultura, e ali havia que estabelecer a primeira fronteira; até onde deviam deixar ir o primeiro, o ter, sem atingir a dignidade das pessoas e da Cidade, ou o segundo, o ser, sem cair no saudosismo patológico, serôdio. -----

----- Algumas palavras sobre cada uma daquelas vertentes. As duas primeiras vertentes a Técnico-sanitária e a Humanitária já haviam sido discutidas em sessões anteriores, ele limitava-se a dar a sua opinião como médico. Defendia a construção de um novo hospital e a manutenção de um pólo de saúde, hospital, SAP, centro de saúde, o que quisessem, que prestasse assistência durante vinte e quatro horas por dia à população do centro da Cidade.

----- No que dizia respeito ao terceiro fator, defendiam a urbanização nos espaços dos atuais hospitais mas, pensavam que deveria ser esteticamente integrada e de forma a conservar algumas estruturas atualmente não contempladas. Era evidente o interesse imobiliário e inevitável a colisão com valor cultural, daí a sua preocupação. -----

----- Por fim, sem que houvesse ali qualquer hierarquia de valores, a cultura, a sociedade civil lisboeta sentira-se ameaçada e erguera-se para a defender. Falava de nomes como Vítor Serrão, Raquel da Silva, Henrique Leitão, Marta Lourenço, Ana Paula Amendoeira, Luís Raposo, José Aguiar, José Meco Barros Veloso, Leonor Sá, Ana Rita Leitão, Vítor Frei, Célia Pilão, Gentil Martins e muitos outros. -----

----- Terminava com uma proposta concreta. Sem prejuízo da manutenção do Museu do Hospital Miguel Bombarda, propunham a criação de um museu da medicina da saúde, no Hospital de São José, que era de todos o que tinha mais força simbólica para a Medicina. Que era muito caro, diziam alguns, no entanto, porque em cada um havia um fundo de hipocondria, aqueles museus eram dos mais visitados em todo o mundo.

----- Recordava ali uma frase de um antigo ministro da cultura, Pinto Ribeiro, “dizem que a Cultura é cara. Experimentem a ignorância”. -----

----- Em resumo, propunham e apoiavam, em nome pessoal, a construção de um novo hospital, e a criação de um pólo de saúde na Colina de Santana. Em nome da Comissão do Património, o reajustamento do Plano de Urbanização e a criação do Museu da Medicina da Saúde no Hospital de São José. -----

----- **A Sr.^a Isabel Vicoso**, no uso da palavra, começou por agradecer a possibilidade de estarem ali naquela troca de experiências e de ideias. Como enfermeira da Maternidade Alfredo da Costa e daquilo tudo que se tinha passado acerca daquela mesma maternidade, ela queria frisar ali alguns pontos que acreditava serem importantes, a nível da sua formação e a nível da salvaguarda de todo um bem cultural de experiência e tudo mais. -----

DRAFT

-----Fora ali dito noutra sessão que cerca de catorze por cento apenas da população da Colina de Santana recorria aos hospitais civis, e ela perguntava o que é que se passa então com os oitenta e seis que sobravam. Os oitenta e seis que sobravam, da experiência que tinha, era que recorriam aos hospitais civis porque existia uma experiência de base, na qual havia confiança, e em que a população, não só da Colina de Santana mas todos os cidadãos, tinham a possibilidade de recorrer a um serviço no qual eles confiavam. Dali que viessem pessoas do Hospital Amadora-Sintra, da área de residência de Sintra, do Estoril, para se tratarem e serem socorridos, em situações de urgência, aos hospitais de Lisboa. -----

----- Queria também frisar em relação à situação da habitação que vinte e quatro por cento dos fogos da área da Colina de Santana, se fossem reabilitados iam dar muito mais vivacidade e dinamismo àquela colina, do que propriamente fazer habitações de luxo nos atuais hospitais civis. -----

----- Queria também ainda frisar que muita gente saíra daqueles hospitais civis com grandes responsabilidades, falava como “Ravarinha”, antiga aluna da Escola Superior de Enfermagem Artur Ravara, que fora das primeiras a surgir a nível da Europa, antes da própria Cruz Vermelha na Suíça, e da qual tinham saído uma série de profissionais reconhecidos nacional e internacionalmente. -----

----- Concluía com uma situação que era a centralidade. A centralidade da prestação de cuidados de excelência que aqueles hospitais até à atualidade haviam dado, tinha feito com que a sabedoria, o conhecimento e a experiência se consolidasse e também ia polinizar outros hospitais com o saber de excelência que fora adquirido e uma cultura que devia prevalecer.

----- **A Sr.^a Eng^a Helena Ferreira**, no uso da palavra, disse que estavam ali reunidos porque fora feito um pedido de licenciamento de intervenções urbanísticas por parte da ESTAMO, uma entidade do próprio Estado, para fazer intervenção imobiliária na Colina de Santana, nos locais onde funcionavam hospitais públicos, os hospitais civis de Lisboa, transformando esses hospitais em hotéis e habitação de luxo. -----

----- Ora a Colina de Santana albergava o maior e mais importante conjunto de património da medicina e saúde em Portugal, funcionando ali desde meados do Séc. XVIII, praticamente desde o terramoto. Estavam quase todos instalados em antigos conventos, estando a maioria classificados. Ao todo eram cerca de uma dúzia de unidades patrimoniais; São José, Santa Marta, Capuchos. Alguns deles exemplares magníficos, quer pelos edifícios em si, quer pelo acervo que continham. -----

----- Ao que se dizia, os hospitais iam ter de encerrar porque ia ser construído um novo hospital que os ia substituir. Esse hospital era para ser construído em Chelas, junto a Cabo Ruivo, a mais de cinco quilómetros de distância, portanto, os utentes dos hospitais, que eram os moradores ali à volta e da zona baixa da Cidade, iam ter de se deslocar cinco a seis quilómetros, sem ter transportes capazes, para ter acesso a cuidados de saúde. -----

----- Diziam-lhes que os hospitais deviam encerrar porque davam muita despesa. Dez milhões de euros por ano, embora seis milhões fossem em rendas, porque já haviam sido vendidos ao ESTAME. Mas um hospital novo, que custaria mais seiscentos

DRAFT

milhões de euros, ia ter um encargo de mais de trinta milhões de euros por ano. Perguntava se não saberiam fazer contas, e onde é que estaria o estudo ou os estudos que mostravam que aquilo era uma opção acertada. -----

----- De facto, o que se devia estar a discutir não era a aprovação de urbanizações nos locais onde estavam os hospitais, mas se os hospitais deviam ou não fechar portas. Um dos argumentos utilizados pelo promotor era de que a maior parte dos edifícios seriam mantidos para as alterações serem diminutas, não sendo assim posto em causa o seu valor cultural. -----

----- Havia muitas razões para duvidar. Os edifícios tinham uma modulação própria, pelo que seria praticamente impossível a sua compatibilidade com as funções, quer de hotéis, mas, particularmente, de habitações. O mais provável era que à mais pequena anomalia, uma fenda nem que fosse num estuque de paredes, fosse invocada a falta de condições de segurança, para com isso se justificar a destruição de interiores e a manutenção, quanto muito, das fachadas. -----

----- Aliás, já se ouvia dizer que os terrenos ali eram instáveis, e que os edifícios corriam risco de segurança. Hoje em dia falava-se muito em reabilitação do edificado, mas perguntava porque é que havia de ser sempre para habitação ou hotéis, porque é que não se instalavam nos edifícios antigos outros usos. -----

----- Que se deixassem de novo-riquismo e de deslumbramento pelas modernices. Num país pobre o património cultural era a sua maior riqueza. Que os habitantes de Lisboa fossem chamados a pronunciar-se em referendo local. -----

----- **A Dr.^a Maria Ramalho,** no uso da palavra, começou por fazer um breve apontamento sobre as questões da arqueologia. A componente patrimonial da Colina era transversal a todos os fatores, e representava uma marca indelével composta por vinte e nove edifícios classificados, cinquenta e nove conjuntos arquitetónicos, e cento e dezanove imóveis singulares, incluídos na Carta Municipal do Património. -----

----- Estava em crer que, olhando para o documento estratégico e para os PIPS, retirados à discussão de forma inexplicável, todos aqueles elementos, sobretudo, os que haviam sido classificados pelo Município, eram então olhados, mais como empecilhos. Era naquelas questões que tinha que haver seriedade. Não se podia um dia classificar e definir graus de importância, e no outro dia dizer, como no estudo, que apesar de parciais as demolições que se pretendiam realizar nas grandes unidades incidiam por vezes sobre património listado na Carta Municipal. -----

----- Os estudos e análises sobre o território e sobre aqueles valores tinham que servir sempre para uma reflexão e para a definição de estratégias e não se podiam resumir a meros apêndices de planos ou projetos onde, efetivamente não eram tidos em conta. Por exemplo, as demolições propostas para os edifícios classificados ou inventariados, para além de não se enquadrarem no previsto no PDM, careciam de justificação técnica séria. O que se via eram argumentações generalistas e perigosas, argumentando que se tratava de elementos espúrios, termo utilizado pela DGEM, nos anos trinta, quando se limpavam os monumentos das marcas do passado numa lógica patrimonialista típica do Estado Novo. -----

DRAFT

----- Atualmente, no séc. XXI, eram necessários estudos científicos sobre as pré existências, também na prespetiva da arqueologia da arquitetura, cruzando depois aqueles dados com a documentação disponível. Lembrava que nas equipas que tinham colaborado naqueles levantamentos, nenhuma incluía arqueólogo e não transparecia no trabalho efetuado qualquer ligação com os serviços da Câmara responsáveis por aquele setor. -----

----- Quando se começava a analisar com maior profundidade edifícios daquele tipo, surgiam, de onde menos se esperava, vestígios da maior importância. Bastava, por exemplo, olhar para os espaços maltratados do antigo Convento de Santa Joana para se ver que estva lá quase tudo. Ali não podia haver ligeireza na análise pois estava em causa um património desconhecido e riquíssimo. -----

----- Era necessário pois que se promovesse um verdadeiro programa de reabilitação e não de reconversão, numa área que, concordavam, necessitava de urgente intervenção. Era aquilo que tinha de admirável aquela zona da Cidade, soubera resistir a todas as alterações e cataclismos, como bem tinham referido os Arquitetos Manuel Salgado e Inês Lobo. Pena era que aquele aspeto não fosse verdadeiramente compreendido. Àquele propósito, devia dizer-se que transparecia dos documentos um certo mau estar sobre a questão patrimonial. Por um lado, reconhecia-se o seu valor e a marca que deixara, mas por outro, pretendia-se romper com aquela lógica. -----

----- Relativamente à arqueologia da cota negativa, o potencial era também enorme. Consultando os registos era possível afirmar que os níveis definidos no PDM eram genéricos. Era então necessário olhar para cada uma das unidades individualmente. Por exemplo, bastara o acompanhamento arqueológico de umas valas em redor do Hospital de São José para surgirem esqueletos, pois como se sabia, até mil oitocentos e trinta e cinco os cemitérios situavam-se em redor das igrejas conventuais e dentro das suas cercas. -----

----- Para terminar, concordavam que era necessário reabilitar a colina e dar urgentemente visibilidade a todo aquele património, integrando-o, por exemplo, em rotas turísticas e daí retirando meios financeiros para o ajudar a manter. Havia espaço que sobrava para novos projetos, novas habitações, novos equipamentos, mas com outra escala e com outra visão. -----

----- **A Arqt.^a Ana Maria Salta,** no uso da palavra, referiu que era arquiteta, que pedira para ser disponibilizada online, portanto, o seu interesse ali na Colina de Santana era o núcleo urbano inicial da colina, que forao tema da dissertação do seu destorado, intitulado” Factores Estruturantes da Colina de Santana, Séculos XIV a XVII”, que tivera a oportunidade de oferecer àquela Assembleia havia doze anos, recomendando realmente que o que lá vinha estudado fosse considerado quando houvesse lugar a intervenções políticas e técnicas. -----

----- Era da Colina do Povo e do Senado de Lisboa que lhes ia falar, do sítio de São Lázaro, do séc. XIV, XV e da malha pré-Manuelina do Bairro do Curral. Ia-lhes falar do Adro de São Lázaro que era uma plataforma que tinha indícios suficientes para se poder pensar que era ali o adro, portanto, existia uma plataforma que então foi

DRAFT

arrasada e onde fora instalado um parque de estacionamento. Tinha um muro de suporte com cantarias que algumas ainda lá estavam abandonadas. -----

----- Adjacente estava um edifício com uma cota de soleira muito elevada, cerca de um metro e meio em relação à rua, e aquele edifício que julgava que seria a antiga casa dos preços, antiga casa do Provedor de São Lázaro, que primeiro era fora da cerca de São Lázaro, e com os acessos feitos nas fachadas perpendiculares à Rua de São Lázaro. -----

----- Não sabia se fora feita ali pesquisa arqueológica quando fora feita a demolição, julgava que realmente importava ver o que ali se passava, se era realmente o Adro de São Lázaro, mas deveriam ter encontrado esqueletos, com certeza, porque os internamentos eram feitos ali, e era ali que estava o Cruzeiro de São Lázaro. -----

----- Falar-lhes-ia então da malha pré-manuelina no Bairro do Curral. Realmente nos lotes que ali identificara, a malha era de trezentos e vinte por trezentos e vinte palmos. Os lotes eram semelhantes aos de Angra do Heroísmo, portanto, acoplados costas com costas e as áreas são muito semelhantes às de Angra do Heroísmo, portanto, julgo que isto é uma malha pré-manuelina que eu acho que convinha estudar e os edifícios deviam ser apoiados na sua reabilitação. -----

----- **A Sr.^a Ana Paula Amendoeira**, no uso da palavra, disse que queria, em primeiro lugar, agradecer esta possibilidade que a CML dava aos cidadãos para se pronunciarem sobre aquela problemática. Se vissem um bocadinho o historial do que acontecera, talvez devessem ter começado por ali, porque houvera um pedido de informação prévia sobre projetos que terminara em julho, depois a seguir a elaboração de um documento estratégico e então, finalmente, e graças à Assembleia Municipal estavam a poder discutir alguma coisa. -----

----- O ICOMOS-Portugal, desde dois mil e dez, que se preocupava de uma forma mais ativa com aquela questão da Colina de Santana, mesmo ainda antes dela se ter tornado mais mediática. Portanto, queria aproveitar aqueles três minutos, porque o tempo era muito curto e não dava para desenvolver grandes questões, queria aproveitar aquela exposição pública ali para pedir que fosse tido em conta, com um bocadinho menos de displicência, a contribuição e o trabalho sério que instituições como o ICOMOS e outras tinham dado, desde anos a essa parte, para a discussão dessa problemática. Tinha-se construído e desenvolvido um trabalho que era voluntário, ninguém os contratara e ninguém recebera um cêntimo por fazer aquilo que faziam. -----

----- Até ao presente não tinham tido uma única resposta aos vários documentos enviados com aviso de receção, para colaborar de uma forma bem intencionada e construtiva nessa problemática. Nunca ninguém tinha dito nada, apesar de se oferecerem sempre para colaborar nesse processo de discussão que estavam a ter. Continuavam a oferecer e por isso queria aproveitar para pedir em primeiro lugar isso, que tivessem em conta o trabalho, a disponibilidade e a generosidade das instituições e das organizações que se interessavam, também elas, legitimamente, pelo futuro da Cidade de Lisboa e das áreas históricas da Cidade de Lisboa. -----

DRAFT

----- Estavam em 2014, a cem anos da Primeira Guerra Mundial. Lisboa tinha sobrevivido a esse tipo de cataclismos.-----

----- Queria fazer um apelo às questões da ética e até da moral nessas questões da conservação e da gestão das cidades e pedir que os interesses públicos se sobrepusessem aos privados e os privados aos pessoais. Gostava que alguém lhe desse mais alguma informação sobre a realidade dos interesses especulativos que estavam por trás de toda essa problemática.-----

----- Agradeceu a oportunidade que lhe tinha sido dada.-----

----- **A Senhora Doutora Elsa Soares Jara** disse que era médica hospitalar e gostaria de falar sobre esse assunto em relação ao Hospital de Santa Marta.-----

----- O que estava em debate era a construção de novos edifícios nos terrenos atualmente ocupados pelos hospitais da Colina de Santana após a sua destruição. Os projetos desses edifícios, e só desses, tinham sido apresentados numa sessão pública na Ordem dos Arquitetos em julho de 2013, durante mais de quatro horas. Eram quatro os projetos apresentados e cada Arquiteto responsável apresentara o seu hospital. Nada mais tinha sido apresentado em relação à reabilitação da Colina de Santana.-----

----- Se esses edifícios, em vez de serem construídos nos terrenos dos hospitais após a sua destruição, fossem construídos noutros locais degradados da Colina de Santana, certamente que não estariam na presente sessão.-----

----- As intervenções nas sessões anteriores sobre transportes, acessibilidades, reabilitação de edifícios degradados, cuidados médicos continuados, tinham sido muito importantes mas não deviam perder de vista o tema em discussão.-----

----- Estava planeada a destruição de hospitais da Colina de Santana, três deles hospitais de referência e em funcionamento pleno. Já existiam projetos par os terrenos ocupados com esses hospitais, mas para a Colina de Santana nada mais existia de concreto. O que se constatava era que nenhuma proposta existia para as centenas de prédios degradados e que a única intervenção planeada era a destruição de edifícios de hospitais de referência em pleno funcionamento.-----

----- Fizessem uma comparação entre o Hospital de St. Mary e Hospital de Santa Marta em Lisboa. Os dois eram hospitais que ocupavam edifícios centenários, os dois estavam situados no centro da respetiva capital, ambos tinham sido faculdades de medicina, ambos integravam o Serviço Nacional de Saúde dos respetivos países. O primeiro era o hospital onde trabalhara Alexander Flemming, que descobrira a penicilina. O segundo onde tinha trabalhado Egas Moniz, o único Prémio Nobel da Medicina em Portugal. O hospital de St. Mary continuava florescente e a ser local escolhido para nascimento de príncipes, o último dos quais recente. O Hospital de Santa Marta, o único no País onde se faziam transplantes do pulmão, só porque estava situado em Portugal, ameaçava a destruição juntamente com outros hospitais de igual qualidade, grandeza e tradição.-----

----- Como dizia recentemente a propósito dessa situação o ilustre cirurgião do Hospital de Santa Marta, Professor José Fragata, “quem não honra o passado não terá nunca futuro”.-----

DRAFT

----- **A Senhora Doutora Leonor Sá** começou por esclarecer que ia ali falar como responsável do Museu da Polícia Judiciária e como coordenadora do projeto “SOS Azulejo”. -----

----- Disse que os edifícios dos hospitais civis de Lisboa alienados à ESTAMO Parpública possuíam um património azulejar de enorme riqueza e relevância que iria entrar em risco na fase de transição que se aproximava. Com efeito, a experiência dizia que o período em que os edifícios ficavam devolutos e entregues a si próprios, na fase de mudança de funções, de obras, ou simples inatividade ou abandono, era precisamente o período em que ocorria uma percentagem elevadíssima de furtos de azulejos históricos e artísticos nesse tipo de edifícios. -----

----- Uma vez diagnosticadas as causas desse risco eminente, havia que agir, identificando e tomando as medidas preventivas necessárias para impedir o furto que, sem medidas preventivas adequadas, era quase certo. Era o que o projeto “SOS Azulejo” tinha feito e tencionava continuar a fazer, devidamente enquadrado tanto no edifício já devoluto ex Hospital Miguel Bombarda, como nos restantes edifícios hospitalares prestes a ficar devolutos os casos de São José, Santa Marta e Capuchos.---

----- Importava nesse ponto referir que o projeto “SOS Azulejo” tinha sido criado e era coordenado pelo Museu da Polícia Judiciária, contando com seis importantes parcerias e nas quais estava por exemplo a Direção Geral do Património Cultural e outras que referiria mais adiante. -----

----- Importava também referir que as importantes medidas preventivas tomadas e a tomar pela “SOS Azulejo”, a última das quais com a colaboração da ESTAMO Parpública, não eram mencionadas no documento intitulado “Colina de Santana – Documento Estratégico de Intervenção”, de dezembro de 2013, mas deveriam sê-lo, pois delas dependeria o futuro do património azulejar dos edifícios em causa, devendo esse processo continuar a contar com a colaboração da ESTAMO e à qual se deveria juntar a Câmara Municipal de Lisboa. -----

----- Para se compreender esse processo referia resumidamente as medidas já tomadas e a tomar pelo projeto “SOS Azulejo” em defesa desse importante património azulejar em risco, em três fases, duas das quais já concretizadas e uma por concretizar. -----

----- A primeira fase, de objetivo já concretizado, era a sensibilização pública e dos responsáveis pela administração hospitalar, através de um abaixo-assinado e organização de visitas guiadas “SOS Azulejo” no final de 2009 e princípio de 2010 aos hospitais referidos. -----

----- Na segunda fase o objetivo também estava concretizado, o inventário feito pelo Instituto da História da Arte da Faculdade de Letras de Lisboa, parceiro do projeto “SOS Azulejo”. Isso em conjugação com o site “SOS Azulejo”. Com efeito, qualquer eventual furto desses azulejos seria imediatamente seguido de publicação online no site das respetivas imagens e inviabilizando a sua circulação no mercado ilícito. -----

----- O Museu tinha solicitado e realizado reuniões com a ESTAMO Parpública no sentido de planear e implementar medidas de segurança preventivas efetivas para o edifício hospitalar já devoluto, o Miguel Bombarda, criando um modelo de

DRAFT

procedimentos a aplicar futuramente nos restantes edifícios quando esses deixassem também de exercer funções hospitalares.-----

----- Instada pelo Museu da Polícia Judiciária, a ESTAMO tinha encomendado um plano de segurança para o recinto do Miguel Bombarda, plano esse que depois de apreciado por dois parceiros fora implementado no terreno e mantendo-se até à atualidade. Antes da implementação desse plano de segurança o parceiro PSP encarregara-se de exercer a vigilância necessária no recinto em causa. -----

----- A terceira fase, um objetivo a concretizar, era completar medidas preventivas nos restantes hospitais. O “SOS Azulejo” pretendia completar esse conjunto de procedimentos nos restantes edifícios em causa, mediante replicação da componente plano de segurança, quando esses edifícios deixassem as presentes funções e ficassem devolutos. -----

----- **O Senhor Deputado Municipal Miguel Tiago (PCP)** começou por dizer que quando o PCP tinha apresentado na Assembleia da República um projeto de resolução para salvaguardar esse património, denunciando inclusivamente na altura os interesses que podiam predar, o PS, o PSD e o CDS tentaram fazer crer que não havia ali outros interesses. Aliás, tinha-se aprovado por unanimidade uma resolução na Assembleia da República que determinava a preservação do património cultural e arquitetónico da colina.-----

----- Disse que tal como vinha afirmando a CDU, as manobras da maioria PS em torno da Colina de Sant’Ana, nomeadamente as de empurrar para a frente no tempo da discussão sobre os projetos, tinham a intenção de possibilitar um debate legitimador e o menos crítico e democrático possível sobre esses projetos e, ao mesmo tempo, impedir que potenciais efeitos negativos dessa opção pudessem recair sobre António Costa antes das eleições autárquicas. Enquanto eleito da CDU, pertencera sempre ao grupo daqueles que tudo fizeram para denunciar essas manobras e para salvaguardar e valorizar os serviços públicos, nomeadamente os serviços de saúde, bem como para preservar e valorizar o património histórico da cidade e dos seus conjuntos arquitetónicos. -----

----- Na Colina de Sant’Ana estavam perante uma conjugação dessas duas dimensões importantíssimas da vivência coletiva da cidade: a saúde e o património que ali se interpenetravam. O encerramento dos hospitais, com o aval positivo da maioria do Partido Socialista, tinha custos profundos para a população de Lisboa, particularmente para aqueles que, tendo em conta as suas características sociais e etárias, encontravam naqueles hospitais a resposta mais ajustada às suas necessidades. Ao mesmo tempo, o efeito do encerramento dos hospitais era destrutivo no tecido urbano e no tecido económico e social da cidade, na medida em que destruía emprego, incluindo o emprego qualificado associado ao funcionamento de unidades de saúde. Sobre isso mesmo, o parecer do ICOM e do ICOMOS referia: “Acresce a repetição, (...), de um erro urbanístico recorrente: o de se retirar emprego e serviços de zonas carenciadas, para oferecer ainda mais habitações de luxo em bairros onde abundam excecionais edifícios habitacionais antigos e degradados à espera de reabilitação. O serviço eminentemente público destes lugares excecionais e destas instituições torna-se agora

DRAFT

pretexto para um processo de privatização das antigas cercas conventuais, que os hospitais, apesar de todas as suas transformações, ainda preservaram.”-----

----- Disse que a própria forma que tomara o processo, com a apresentação de quatro loteamentos que atalhavam à apreciação, discussão e aprovação de instrumentos de ordenamento de território como os Planos de Pormenor e Planos de Urbanização, além de representar um passo atrás na gestão do espaço urbano, representava uma tremenda machada na democraticidade dessa gestão, o que só era possível com o PDM aprovado pelo PS e pelo PSD. -----

----- Do ponto de vista patrimonial, e apesar do verniz democrático da maioria PS, todo o conjunto, quer médico, quer arquitetónico, era sacrificado para benefício da instalação de uma média e alta burguesia que aspirava disputar o espaço urbano com as populações atualmente ali residentes. Enquanto essa disputa ocorria, as elites que ocupavam os espaços retirados ao coletivo, assimilavam apenas as componentes culturais e patrimoniais que valorizavam, do seu ponto de vista, os seus investimentos, prejudicando a preservação, valorização e o próprio conhecimento sobre o património e seus significados. -----

----- A esse entendimento que antagonizava o desenvolvimento urbanístico à salvaguarda do património cultural, científico e arquitetónico da cidade, a CDU opunha uma visão integrada e integradora que valorizasse o património existente e que através dessa valorização, potenciase a regeneração e a revitalização do tecido urbano e das atividades económicas. Uma solução que atualizasse os usos do conjunto pré-existente ao invés de o destruir para impor um novo, ao serviço apenas de alguns, para prejuízo de muitos.-----

----- **O Senhor Vereador Carlos Moura** disse que quando se falava de património falava-se de legados. A transformação da colina, de um espaço de prevalência de conventos a uma utilização de cuidados de saúde, tinha sido realizado, em grosso modo, em cerca de duzentos anos. -----

----- À parte a leprosaria, da consagração da Igreja do Convento de Santana como igreja paroquial, ao tempo do governo do Cardeal Dom Henrique, por divisão da Freguesia de Santa Justa, considerada curiosamente demasiado grande e populosa, até à doação do Desterro para cuidados de saúde pela rainha viúva de Inglaterra, Dona Catarina de Bragança, distavam cerca de cem anos.-----

----- Outros cinquenta volvidos e tinham a instalação do Hospital de São José no Colégio de Santo Antão Novo. Mais cem anos transcorridos e instalavam-se novas unidades de saúde na colina. Não era por acaso, mas porque essa significava a fiabilidade da construção e a proximidade à população, especialmente em situações de emergência. -----

----- A adaptação de conventos a novos hospitais era um argumento totalmente falso. Nesses existiam novas construções, muitas delas de vanguarda e profundamente revolucionárias nos cuidados de saúde e bastava ver o que representavam Santa Marta ou o Miguel Bombarda nessas questões. -----

DRAFT

----- Não estavam a falar de hospitais que custassem muito dinheiro em termos de manutenção, isso era falso de novo. Estavam a falar de construções que davam resposta às necessidades dos utentes e dos cidadãos de Lisboa. -----

----- Mais uma vez falar dos custos de adaptação era uma total falsidade e bastava ver o Hospital de Salpêtrière em Paris, construído, pasmassem, para uma fábrica de pólvora. Esses tinham sido construídos para utilização humana e assim continuavam a estar. -----

----- **O Senhor Deputado Municipal Carlos Silva Santos (PCP)** disse que queria colocar quatro pontos importantíssimos: -----

----- Primeiro, não tinha sido a saúde nem a necessidade em saúde que determinara esse negócio de fechar os hospitais civis de Lisboa. Portanto, não devia ser atribuída essa responsabilidade à saúde; -----

----- Segundo, não estava provada a necessidade de encerrar esses hospitais com a criação do Hospital de Todos os Santos. Todos tinham ouvido na primeira sessão a informação do responsável pela ARS, de que o Hospital de Todos os Santos seria um hospital de média dimensão, dirigido aos mais de duzentos mil habitantes da área e que já não tinha atualmente em projeto mais de seiscentas câmaras, enquanto os hospitais civis tinham cerca de mil e oitocentas camas. Não havia inter-substituição, era encerramento; -----

----- Terceiro, a memória histórica dos serviços de saúde e da medicina estava ali. Não podia manter por razões históricas o Hospital de Todos os Santos, podiam e deviam manter a história desses hospitais. A melhor forma de a manter era mantendo em funcionamento; -----

----- Quarto e último, os hospitais tinham um património de investimento tecnológico/médico valiosíssimo e estavam colocados, por esses agiotas do novo tempo, numa situação de risco, de que enquanto não se decidia, não se faziam novos investimentos. Um dia desses diriam que estavam degradados e, então, teriam mesmo que sair. Era o que se chamava “fazer o mal e a caramunha”. -----

----- Disse que esses hospitais tinham perspetivas de futuro. Não ficassem tristes os senhores da arquitetura e do urbanismo, que outras oportunidades teriam na Colina de Santana, mas que tirassem as mãos dos hospitais. -----

----- **O Senhor Arquiteto Augusto Vasco Costa** disse que já todos estariam de acordo sobre a necessidade de uma visão de conjunto para a Colina de Santana e de preservar os seus conventos, pelo que, se estavam num debate, gostaria de ter ouvido os arquitetos autores desses projetos a falarem das suas razões e perceber porque ainda nada tinham dito. -----

----- Gostaria de sublinhar o que poderia ser bom para Lisboa, de todos responderem ao apelo feito na última sessão pela Presidente da Assembleia Municipal, Arquiteta Helena Roseta. Para além de compreensivelmente terem estado quatro sessões a transmitir o desencanto, eras importante apresentarem sugestões alternativas para juntar às que já tinham sido entregues. -----

----- Se considerassem que não valia a pena, ou que não trabalhavam de graça, estavam a ser com o silêncio coniventes com o status quo vigente até aí. Mesmo que

DRAFT

não conseguissem chegar a uma solução conjunta minimamente credível, poderiam estar a pôr em causa a necessidade futura desses debates e de quem tivera a coragem de os promover. -----

----- Parecia-lhe que todos estariam cansados das crónicas desculpas de que a solução apresentada era a possível, porque havia muitos interesses em jogo e que ninguém se entendia, concluindo com a cara mais triste do mundo que já tinham chegado atrasados, para depois se continuar a assistir durante meses ou mesmo anos a fio a tudo continuar na mesma, mais degradado, pior. Passassem pelo Vale de Santo António, pelo tão degradado Conde Barão ou pela zona ribeirinha do Aterro da Boavista e compreenderiam os seus receios. -----

----- Assim, propor o debate na Assembleia Municipal os estudos que estavam para ser aprovados poderia marcar uma viragem histórica na forma como os projetos poderiam passar a ser aprovados na Câmara. No entanto, para que essa colaboração fosse eficaz não poderiam cair na eterna discussão maniqueísta entre os bons e os maus. Se estavam no debate era porque estavam preocupados com Lisboa e se não queriam pôr em cheque o futuro da colina, havia que apresentar ideias, sugestões e desenhos motivadores de um diálogo sereno e construtivo. Essa colaboração deveria ser entendida como um serviço cívico que tinham a obrigação de prestar para com a sociedade onde se integravam. Era a qualidade de vida de todos que estava em causa e dos sucessores. -----

----- Como explanavam as sugestões que na última sessão entregara, pensava ser simples e rápido conseguir a desejada visão de conjunto. Bastava apenas seguir os objetivos do Plano Diretor Municipal. -----

----- Que não perdessem essa oportunidade de que a “colina da discórdia”, como referira o semanário Expresso, passasse a ser conhecida como a colina da concórdia e exemplo a seguir. -----

----- **O Senhor Deputado Municipal João Pinheiro (PS)** disse que tinha sido frutífero o debate na Assembleia Municipal sobre a Colina de Santana e o que era certa era que estavam a discutir o futuro, porque, tanto quanto se percebesse, nas quatro sessões do debate ainda não se tinha percebido a existência de um único licenciamento para aquele espaço, para aquele perímetro urbano. -----

----- Discutindo o futuro compreendia-se a preocupação com a preservação da identidade e da memória histórica daquele espaço. Contudo, como bem demonstrara a apresentação do Arquiteto José Aguiar, uma medida de deslocalização de serviços de saúde associada à construção de um novo hospital com outras valências não tinha que significar uma rotura com a história, nem uma rotura com a memória longínqua ou recente da Cidade de Lisboa e daquele local. -----

----- Passando imediatamente à memória recente, à memória das pessoas que viviam nas imediações daqueles espaços, fazia notar, porque os percorria e porque os conhecia, que com exceção das ocorrências que levavam as pessoas a aceder a cuidados de saúde, o acesso ao interior das cercas dos hospitais não fazia parte dos seus quotidianos. Quando as pessoas levavam os filhos pela mão para as suas casas, os avós e os pais, não elegiam como destinos preferenciais o interior das cercas dos

DRAFT

hospitais, porque eram cercas, eram espaços delimitados, espaços funcionais por natureza, estavam vedados à vivência quotidiana urbana da cidade.-----

----- Era isso que a oportunidade de regeneração podia proporcionar, integrar de outra forma aqueles espaços, preservar a sua história, respeitá-la, mas permitir uma maior vivência dessa história e divulgá-la. Muitas dessas pessoas ouviam falar da existência de um espólio histórico assinalável nos hospitais, até tinham orgulho e consideração pela vizinhança de instituições com competências reconhecidas, mas não as conheciam a fundo.-----

----- Olhando para as oportunidades que surgiam associadas a um projeto de regeneração urbana, olhando para o documento estratégico de intervenção da Colina de Santana, várias hipóteses se confrontavam.-----

----- Estando na sessão para debater especialmente a integração cultural daqueles espaços e socorrendo-se da intervenção da Doutora Raquel Henriques da Silva, a questão que colocava era se poderia um equipamento cultural descentralizado, disseminado por vários daqueles espólios e polos hospitalares, desejavelmente no futuro também polos culturais, servir a Cidade de Lisboa.-----

----- Londres tinha o seu museu de medicina e saúde, a Catalunha tinha o seu museu. Lisboa tinha várias realidades museológicas dispersas, não tinha uma realidade única que pudesse servir de referência à cidade, que pudesse estar ao nível do que a cidade era atualmente no mundo, um destino de eleição de procura turística.-----

----- Havia que notar, associado a essa oportunidade, que em Lisboa existiam duas faculdades de medicina, existiam inúmeros hospitais, existiam centros de valências especializadas em investigação médica e se a convergência dos contributos de todas essas entidades não estariam à altura de criar um espaço de divulgação de ciência e cultura, museológico, que teria na Colina de Santana um palco privilegiado.-----

----- Disse que a Colina de Santana, como já fora anteriormente referenciado noutras sessões, tinha características únicas em termos ambientais, arquitetónicos, históricos, e que complementavam outros espaços de referência na cidade, como a Baixa Pombalina, a Avenida da Liberdade, o cada vez mais dinâmico eixo Almirante Reis/Martim Moniz.-----

----- Era toda essa oportunidade que se podia debater e terminava como tinha começado, perguntando se podia ou não um espaço cultural, heterogéneo e agregador de todas essas valências dos hospitais que no futuro passariam a estar localizados noutros sítios, servir de elemento conciliador entre a memória e a oportunidade de regeneração.-----

----- **O Senhor Deputado Municipal André Caldas** o que tinham ali em causa, no conjunto de sessões sobre a Colina de Santana, era a ideia de tentar compatibilizar a reabilitação daquela colina, o que lhe parecia necessária até para combater a degradação do edificado que ia avançando, com a manutenção das valências, quer que a manutenção das valências fosse feita no local, ou desviando-a para outros locais da cidade. E a resposta podia não ser a mesma, consoante a valência para a qual estavam a olhar em cada momento.-----

DRAFT

----- Afirmou que por um lado tinham de ter a ideia de que eram necessários hospitais adequados do ponto de vista infraestrutural às exigências da medicina contemporânea, mas tinha, obviamente de ser feito com a preservação das equipas que, de uma forma consolidada, garantiam medicina de qualidade nos hospitais que ali estavam a ser objeto de discussão. E, acima de tudo, assegurar cuidados de proximidade para aquela população que ficaria mais distante dos novos serviços que viessem a ser implementados.-----

----- E, mais interessante do que discutir uma reabilitação urbana que estava limitada por cercas de perímetros hospitalares, o que poderia vir a ter interesse era discutir como se alargar aquele perímetro de discussão naquela Assembleia, uma reabilitação integrada de todo o espaço da colina quer fosse o espaço hospitalar, quer a questão arquitetónica de outros edifícios que faziam parte do conjunto e que mereciam a atenção do ponto de vista da reabilitação urbana, igualmente.-----

----- Sublinhou que o cronograma, naquele processo, não era indiferente. Não era indiferente começar a discutir primeiro uma coisas e deixar para depois, outras. Tal como não era indiferente fechar, primeiro, os hospitais e abrir o que iria albergar aqueles que tinham sido fechados antes. E aquela era uma preocupação que partilhava, também.-----

----- Em relação às questões de património e cultura, disse que aquelas coleções dispersas, no seu conjunto poderiam constituir um acervo patrimonial de enorme relevância do ponto de vista da história da medicina. Disse que para além da preservação daquele património, tinha de haver alguma atenção para com o património azulejado, ao património imobiliário que estava contido naqueles edifícios, mas havia uma dimensão do panótico que tinha ficado desviada do contexto daquelas discussões, não era só a sua relevância arquitetónica que estava em causa, o panótico era um dos raros elementos que tinha em si, e de forma edificada, um certo elemento da história do pensamento ocidental, da perspetiva da história do direito, a história das prisões, e que era absolutamente fundamental preservar para que aquela história pudesse, para além de ser contada, vivida.-----

----- **O Senhor Dr. Vitor Freire** disse que aproveitava para explicar que em relação ao que se chamava “panótico”, era o pavilhão de segurança, e começando pelo fim, já que a Mesa tinha começado, gostaria de esclarecer que a importância arquitetónica e histórica do edifício era talvez mais importante do ponto de vista do seu vanguardismo arquitetónico. Portanto, o arredondamento generalizado de arestas que existia no pavilhão de segurança antecipava em trinta anos o design modernista dos anos vinte e dos anos trinta, nomeadamente, o que conheciam dos eletrodomésticos, por exemplo, nas torradeiras, nos fogões, etc., aqueles arredondamentos simétricos existiam no pavilhão de segurança, e pela primeira vez. Era um edifício que ao nível mundial, e pela primeira vez, antecipava aquele design, sendo que aqueles arredondamentos eram destinados a evitar ferimentos nos doentes agitados, a proporcionar uma maior resistência dos materiais ao choque, e a facilitar a limpeza. Eram aquelas as três funcionalidades, os três objetivos, que eram encontradas, por exemplo, nas cozinhas, com os eletrodomésticos. A arquitetura do Hospital Miguel

DRAFT

Bombarda era uma arquitetura funcional, era forma mas, também, função, sendo que aquelas duas vertentes que se devem ser conjugadas. -----

----- Em relação à chamada *arte outsider*, que preferiam chamar assim do que “*arte bruta*”, era produzida por doentes, ou por pessoas com alguma perturbação psíquica. Era pouco ou não influenciável pela arte erudita, produzida, geralmente, por pessoas sem formação, e uma arte espontânea. Por estranho que parecesse, aquela arte, assim definida, era identificável por oposição à arte erudita. -----

----- **A Senhora Professora Raquel Henriques da Silva** disse que gostou muito de ali estar. Era uma otimista militante pelo que achava que tinham de conseguir dar volta àquela questão e estava-se a centrar, apenas na questão patrimonial da Colina de Santana, e era evidente que a questão patrimonial tinha que cruzar obviamente, tudo. -

----- Referiu que gostaria de deixar uma sugestão a de criarem algo como “*A Colina de Santa à mostra*”, colocando-se a questão do património na ordem do dia, ou seja, tudo o quanto viesse a ser feito, a questão patrimonial tinha de estar presente. -----

----- Sublinhou que, por outro lado, era absolutamente consensual a ideia de que ficassem os hospitais, com a sua atividade, embora convertida a outras necessidades, ou não ficassem, o que consideraria uma má ideia, a questão do Museu da Medicina, que atravessava a cultura científica portuguesa, desde há dois séculos, era uma questão consensual. De tal forma, que o Hospital de S. José, continuando a funcionar, ou não, como hospital, devia ser o centro irradiador do estudo, da valorização das coleções existentes, e da articulação com o museu da saúde. -----

----- Afirmou que não se faziam as coisas sem pessoas, pois as pessoas eram fundamentais. E as pessoas certas a fazerem o trabalho certo, muitas vezes faziam milagres. Assim, propunha que a sénior da Museologia Portuguesa que era a Simoneta Luz Afonso, pudesse ser encarregada de estruturar um plano com o ICOMOS, com o ICOM, com os serviços da Câmara Municipal de Lisboa, com o Museu da Saúde, com a universidade, podiam preparar projetos de investigação naquele campo, e para serem apresentados internamente e ao nível europeu. Acreditava completamente, naquilo. E estava completamente mobilizada. E gostava muito que, se tivessem a pessoa certa a pegar naquele assunto, achava que o mesmo seria um sucesso. -----

----- **O Senhor Professor Doutor António Rendas** voltou a agradecer o convite e que não tinha falado na Arquiteta Helena Roseta, por quem tinha muita admiração, mas que três segundos para aquela eram mais do que merecidos. -----

----- Afirmou que apoiava inteiramente a proposta da Professora Raquel Henriques da Silva, achava que deviam de arranjar uma forma de se manter a continuidade. -----

----- Sublinhou que quem tinha convencido a Rainha D. Amélia a autorizar a construção o Instituto Câmara Pestana tinha sido o Sousa Martins. E o Sousa Martins sabia que havia ali um convento, completamente arruinado. E quando tinham começado as escavações acharam muito interessante porque do lado da calçada havia um sítio onde não havia fundações porque estavam ali as campas. E a Universidade Nova de Lisboa, através da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, fez um estudo arqueológico profundo, relacionado com aquilo e aquele acevo estava lá para ser exposto porque era sagrado respeitar o património. Mas se o Sousa Martins não

DRAFT

tivesse convencido a Rainha D. Amélia a construir o Câmara Pestana, nos cinquenta anos seguintes a medicina portuguesa tinha ficado totalmente destruída porque o Câmara Pestana tinha sido o laboratório dos hospitais civis de Lisboa, e todas as pessoas sabiam disso. -----

----- Portanto, havia que correr riscos mas com imensa cautela e, portanto, o património era sagrado mas não era intocável. Eram duas coisas muito diferentes mas que tinham de ser enquadradas, sendo que havia projetos que tinham de ser feitos com muito cuidado.-----

----- Contou que quando tinham feito a exposição do Veloso Salgado, foram à Faculdade de Geografia, à Assembleia da Republica, e só não conseguiram uma coisa, nunca conseguiram juntar a D. Amélia com o D. Carlos porque dentro do Instituto Câmara Pestana estava um retrato, pintado por Velosos Salgado, da Rainha D. Amélia que não lhes tinha sido emprestado. E acabava assim. -----

----- **O Senhor Professor José Aguiar** disse que com pressa tinha dito muitas asneiras, mas que sem pressa também as dizia. -----

----- Afirmou que a Colina de Santana devia de manter uma, ou mais, unidades de saúde polivalentes, um lugar com uma cultura ligada à saúde. No entanto, a medicina e a sua fortíssima economia não eram um problema, eram, antes, uma solução. Para além do público, podia haver imensas unidades privadas e que poderiam reutilizar muitos daqueles espaços. -----

----- Os núcleos urbanos antigos de Lisboa tinham sobrevivido ao século XX, em mau estado, mas que tinham sobrevivido, inclusive aos planos higienistas da qual resultou uma qualidade diferenciadora, algo único que não existia no contexto europeu internacional. Aquela especial qualidade de Lisboa reunia valores materiais, património, ambiente, urbanismo, o caráter distintivo dos conjuntos e, obviamente, imateriais. -----

----- Sublinhou que as sucessivas alterações de remodelação, reabilitação, podiam colocar em causa a valorização de uma cidade que devia de culminar na sua inclusão na lista de património mundial, na categoria de paisagens urbanas históricas, criada pela UNESCO. Assim, disse que íamos mais longe. Aquela candidatura de Lisboa à lista de património mundial nas categorias de paisagens urbanas permitiria integrar, para além da Baixa de Lisboa, o Bairro Alto, o Castelo, Alfama, a Colina de Santana e, por não, o Aqueduto. Seria construído, assim, um modelo de salvaguarda mais contemporâneo numa perspetiva de verdadeira reabilitação urbana, seria assim uma visão bem mais lúcida e ambiciosa. -----

----- Referiu que muitos lisboetas, muitos portugueses, estariam, certamente, mobilizados para aquele projeto de futuro. -----

----- **ENCERRAMENTO** -----

----- **A Presidente da Comissão Permanente de Cultura, Educação, Juventude e Desporto, Deputada Municipal Simonetta Luz Afonso** deu por encerrado o debate, agradeceu a todos os que ali estiveram presentes e, sobretudo, ao painel de grande qualidade que tiveram o prazer de ouvir.-----

DRAFT

----- Pensava que todos saíam dali mais ricos e com a certeza que queriam preservar a memória da Colina de Santana. O como, iriam trabalhá-lo.-----
----- Agradeceu a todos, mais uma vez, e desejou uma boa noite.-----
----- A Moderadora -----